

POEMAS DE FRANCISCO CABRAL JÚNIOR

ELENCO

Contemple agora sua imagem
Sobre a paragem fria da consciência
Quanto de você mesmo é personagem
E quanto dessa bobagem é incoseqüência?

Qual a pesagem limite da hipocrisia?
Medida na fôrma da incredulidade?
E até onde se sustentam
Os pilares de civilidade?

A sociedade é um imenso teatro
Onde somos meros mímicos a gesticular
Pensamos que são nossos os pensamentos
Quando eles já os mudaram de lugar

Ideologia, máscara assimétrica
Que teima em me sufocar
A cada dia te percebo mais.

*“Que dias há que na alma me tem posto/ um
não sei o quê, que nasce não sei onde,/ vem
não sei como,/ e dói não sei porquê.”*

Camões

POEMA INDEFINIDO

Alguém
Em algum (qualquer) lugar
Um dia
Me disse
Que é preciso suportar

O tédio...
O censo comum...
O vômito dos bêbados....
A poeira nos móveis imóveis....

Cuspi no chão
Mas tropecei numa pedra;

Chutei a pedra
E machuquei o pé

Deitei no chão, raivoso
O chão me recebeu, frio

Ação e reação
Canção sem melodia
Poesia sem sentido
Resmungos sem causa:
Indefinição.

ELEGIA NOTURNA (ou Lua em Sangue)

É noite...
Uma coruja de prata desmancha-se em silvos agourentos;
Seu vô sonoro desperta metáforas e tormentos
E me faz olhar para o céu de fantasmagórico negrume

A treva desce seu véu silenciosamente
Como uma navalha monstruosa em corte
Me dando a terrível sorte
De ver meus versos sangrarem

Confesso-te:
Ando cansado de atribuir sentidos vãos;
Construir masmorras para a minha corrupção
E erigir filosofias para minha evolução

Estou farto de maldizer os pecados
Que estou cansado de tanto cometer
Sorvo amargamente a sopa rala da realidade
Toda cheia de ossos pontiagudos

O eufemismo perde agora o seu verniz
A fatalidade me ergueu pela raiz
A realidade esmagou as uvas da estação
Com seus dedos grotescos e rudes
E o suco nutritivo escorreu pelo ralo

Decerto guardaram a arte n'algum baú
E o baú enterraram no solo lunar
Depois esconderam a lua sinistramente
Para que a luz do dia não a pudesse encontrar...

A PROCURA DA MODERNIDADE

**Baseado nos poemas *Procura da Poesia e O lutador*,
de Carlos Drummond de Andrade**

Fazer poemas no computador
Talvez seja a tarefa mais indigna;
Enquanto digitamos, mal rompe a manhã.
As teclas são muitas
Os dedos são poucos!

Meus pensamentos trafegam rápidos
Resistem aos pífijs gigabytes do processador
E odeiam a ampulheta, que indica
Indiferente ao palavrão
Pobre ou revoltante que lhe deres:
Aguarde mais um momento...

Teclados, teclados
(digo enlouquecido)
Se paralisas
Aperto o *reset*!

DESEJOS

Hoje sou todo reticências
Privei-me da propriedade privada
Para me engajar em um mundo particular

Hoje encontrei os fantasmas da ausência
E as armadilhas de meus desejos
Flutuando numa xícara de café

Hoje canto, pois estou privado
Da liberdade em que estou
Auto-exilado

Hoje estou machucado
Mas ainda assim quero ser amado
Ainda assim a minha realidade está
Grávida de aspirações

Hoje encontrei algumas razões
Não mais que devaneios tolos
Para criar os objetos de meus anseios

Hoje sou todo reticências
E ponto final.

Francisco Cabral Júnior
(Rio Grande do Norte/Paraíba)

cabraljunior6@gmail.com

Estudante de Medicina em Campina Grande, PB. Tem pronto o livro
Equilíbrio, uma miscelânea de contos, ensaios e poemas.